



Arrastados por São Pedro para a festa popular da colônia z-29, Jaramataia – Alagoas

Dragged by São Pedro to the popular party of the z-29 colony, Jaramataia - Alagoas

Hillary Ranny de Farias Gomes¹; Matheus Freitas de Oliveira²;
Felipe Santos Silva³

⁽¹⁾Discente do 4º ano do Médio Integrado ao Técnico do curso de Agroindústria do Instituto Federal de Alagoas – *Campus* Batalha; bolsista do projeto intitulado “Povoado de São Pedro: Acampados entre fé, terra e água no Sertão de Alagoas”, aprovado pelo edital N° 04 PRPI/IFAL, de 10 de maio de 2018. E-mail: hillary_farias1000@hotmail.com.

⁽²⁾ Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Docente EBTT do Instituto Federal de Alagoas – *Campus* Batalha. E-mail: matheus.oliveira@ifal.edu.br.

⁽³⁾Professor de Geografia no município de Arapiraca/Alagoas, graduado em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas, especialista em Metodologia do Ensino de Geografia e em Geo-História pela Faculdade de Ensino Regional Alternativa (FERA) e em Metodologia do Ensino de Geografia e suas Tecnologias pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). E-mail: felipegeoufal@hotmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 14 de novembro de 2019; Aceito em: 05 de janeiro de 2020; publicado em 10 de 01 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Todos os anos, centenas de pessoas se reúnem no Povoado São Pedro, município de Jaramataia, em louvor a São Pedro, devido à sua hierofania. A festa religiosa, além de produzir uma espacialidade ímpar, supera essa perspectiva por integrar significado e significante na geração da territorialidade pesqueira entre o sagrado e o profano. Entre os dias 27 e 29 de junho, bandeirolas enfeitam ruas e barcos, que, como cosmolocalidades ou cosmo-objetos, compõem, enriquecem, diversificam e animam a temporalidade da festa. Durante esses dias, visitantes, moradores que fizeram a diáspora, se encontram ou se reencontram com os colonos e interagem com o território, bebendo da mística de se ser, se saber e se fazer pescadores, entrelaçados na dialética entre o sagrado e o profano. Não existe um dia sequer sem fé para quem rema e lança redes, e pudemos registrar essas nuances por meio de metodologias participativas e qualitativas, com destaque para a geoetnografia. Vimos também que materialidades são reinventadas em cosmogonias próprias, que subsidiam a territorialidade ribeirinha. Assim, no cotidiano de cada pescador se revela a tríade fé, terra e água, cujo ápice é alcançado na festa que louva, clama e venera São Pedro, o dono das portas do céu, mandante de chuva e líder dos pescadores.

PALAVRAS-CHAVE: Sagrado e Profano, Territorialidade, Cosmolocalidades.

ABSTRACT: Every year hundreds of people gather in São Pedro Town, Jaramataia County, in praise of São Pedro because of his hierophany. The religious festival, besides producing a unique spatiality, surpasses this perspective by integrating meaning and signifier in the generation of fishing territoriality between the sacred and the profane. Between June 27 and 29, flags adorn streets and boats, which, as cosmocalities or cosmo-objects, compose, enrich, diversify and animate the temporality of the party. During these days, visitors, residents who made the diaspora, meet or meet the settlers and interact with the territory, drinking from the mystique of being, knowing and making fishermen, intertwined in the dialectic between the sacred and the profane. There is not a single day without faith for those who paddle and launch networks, and we could register these nuances through participatory and qualitative methodologies, especially geo-ethnography. We have also seen that materialities are reinvented in their own cosmogonies, which subsidize riverside territoriality. Thus, in the daily life of each fisherman reveals the triad of faith, earth and water, whose apex is reached at the feast that praises, cries and venerates São Pedro, the owner of the gates of heaven, the mastermind of rain and the leader of the fishermen.

KEYWORD: Sacred and Profane, Territoriality, Cosmolocalities.

INTRODUÇÃO

Este trabalho deriva do aprofundamento sobre o território pesqueiro na comunidade de São Pedro, Jaramataia–Alagoas, em suas dimensões simbólicas e materiais desenvolvidas por Oliveira et al. (2017) e Gomes et al. (2019). Aqueles desenvolveram uma reflexão sobre a produção territorial da pesca artesanal e a articulação entre o Estado manifestada, sobretudo, na atuação do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca – DNOCS – e os migrantes que povoaram as margens do maior açude do Estado de Alagoas, lutando pelo direito do acesso à terra. Avançando nessa abordagem, assentada nos saberes e fazeres, Gomes et al. (2019) analisaram a efetivação da territorialidade da festa em devoção a São Pedro, articulando a tríade fé, terra e água, observando que o mesmo território da produção dos recursos pesqueiros, da vida nas águas e da produção do ser pescador também é local de manifestação de devoção, e essas perspectivas apontam a complexidade dessa multiplicidade no território e refletem as identidades de um povo, suas crenças, suas formas de acionar conhecimentos espaciais e suas representações espaciais (HAESBAERT, 2007).

As festas são manifestações culturais cheias de significados e significantes que ganharam lugar nas reflexões geográficas desde a renovação da Geografia Cultural (SOUSA, 2011; CASTRO, 2012; GONDIM; MACHADO, 2017). A partir de Bernadete Quinn (2004), Sousa (2011, p. 99) aponta que, na Geografia, “[...] apenas a partir do final da década de 1980, e mais acentuadamente durante a década de 1990, a festa e os festivais, mesmo que de forma incipiente começaram a despertar interesse [...]”. Os estudos sobre as festas na Geografia são recentes, e em algumas regiões são incipientes, como em Alagoas.

Mesmo sendo negligenciados, houve, a partir dos anos 2000, um aumento da quantidade de estudos sobre festas. Porém, Sousa (2011, p. 99-100) afirma que, ainda assim, essa temática é desvalorizada em relação a outras áreas da Geografia. Para ele, “[...] a festa, não obstante seu aparecimento em temáticas de teses e dissertações, ainda necessita repetidamente se justificar como temática de relevância para compreensão da dinâmica socioespacial que não se subordina a outros processos [...]”.

Esses estudos trazem para a cena acadêmica a vida que se invisibilizava pela dominância de linhas, teorias e metodologias de pesquisa, rompendo e desafiando a tradição geográfica nas múltiplas relações territoriais, influenciados pelos estudos antropológicos.

Para Claval (2014, p. 7), “a festa quebra a continuidade quotidiana da existência. A atmosfera muda. Decorações efêmeras mascaram aquela habitualmente grisalha [...]”. Essa perspectiva de quebra, fragmentação e/ou ruptura do cotidiano aparece nas discussões de Duvignaud (1983) e Damatta (1990), ou ainda nas colocações de um dos informantes:

O que eu acho mais bonito na festa... É a festa assim, cheia de gente, cheia de barraca n/é? Todo mundo animado, tudo pulando, todo mundo brincando, tudo direitinho, sem briga, sem ter zoada, aí é bonito, bonito e bom [...]
(ENTREVISTADO 06, pescador, 65 anos).

Conforme Castro (2012), o cotidiano não se rompe quando a festa se articula, visto que a categoria cotidiano possui uma escala espaço-temporal complexa. Frações de tempo e situações localizadas no espaço não dissociam relações em processos tão complexos. Em virtude disso, o autor articula sua análise com Canclini (1983) e Lefebvre (1991), discordando dessa ruptura e defendendo a perspectiva de que a festa está imersa ainda no mesmo cotidiano que simultaneamente permite sua efemeridade. Sob tal prisma,

A festa continua, a tal ponto, a existência cotidiana que reproduz no seu desenvolvimento as contradições da sociedade. Ela não pode ser lugar de subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada, pois não é apenas um movimento de unificação coletiva; as diferenças sociais e econômicas nela se repetem (CANCLINI, 1983, p. 55).

Gondim e Machado (2017, p. 215) corroboram com a perspectiva acima, complementando que “a fé enquanto traço cultural está presente no dia a dia, comprovado pela continuidade dos festejos com o passar dos anos”. Em seu trabalho, Oliveira et al. (2017, p. 07) notaram “[...] que na maioria das casas dos colonos a devoção católica está presente, por meio de imagens, fotografias e objetos sacros [...]”, verificando-se aí a presença da fé tanto nas relações privadas no espaço da casa quanto nos espaços públicos, com destaque para o açude, onde se recorre aos santos e a outras entidades, máxime São Pedro, pedindo bênçãos para a pesca com preces de fartura e proteção contra acidentes.

Esses jogos de imagens também enriquecem o significado da festa não como algo imaterial e restrito à representação de “uma coisa”, mas como realidade em si, como um *continuum* entre significados e significantes, isto é: realidade e representação. A igreja, o paredão, o beijo d’água, a canoa e as tarrafas não estão dissociados, para o pescador, da

mística da pesca, bem como pescar não se reduz a um ato sensório-motor que aciona habilidades corpóreas ligadas ao equilíbrio tanto do corpo, dos apetrechos e da canoa. Pescar, nesse âmbito, é sentir as águas, a terra e a mística espiritual que emana da natureza sociopsicológica criada pelos pescadores, ou seja: lançar as tarrafas e lançar-se na fé fazem parte do mesmo processo. Tudo no território, por mais que se aparente para os sujeitos externos como banais materialidades, são significados e significantes com grande potencial do imaginário e da imaginação que alimentam as territorialidades e suas identidades.

A partir do esboçado, objetivamos analisar a atração que os festejos terra e água devocionais a São Pedro promovem em gerar encontros e (re)encontros, o despertar de afetividades territoriais e identitárias, como também a compreensão da produção dessas imagens e a reiteração do território pesqueiro que é alimentado pela tríade fé, terra e água, como discutiram Gomes et al. (2019).

Este estudo apresenta partes dos resultados do projeto de pesquisa “Povoado de São Pedro: Acampados entre fé, terra e água no Sertão de Alagoas”, aprovado pelo edital Nº 04 PRPI/IFAL, de 10 de maio de 2018, do Instituto Federal de Alagoas – IFAL, *Campus* Batalha, que atende a uma significativa parte das geografias e historicidades da Bacia Leiteira Alagoana. Visa contribuir com a Geografia a partir de um caminhar teórico e metodológico estruturado, trazendo mais do que uma proposta de pesquisa, mas um verdadeiro desafio social de reconhecimento de territorialidades e identidades, bem como uma chance para delimitar o fértil campo de análise que é o estudo da cultura na Geografia.

METODOLOGIA

O olhar é uma forma de acionar simbologias sobre a interpretação do mundo, das pessoas e dos processos. A observação dos pescadores é um caminho metodológico a ser mais explorado, visto que eles não apenas observam: participam, movimentam e ressignificam seu espaço vivido e encontram tempo para organizar respostas que buscamos quando entramos nas atividades de campo.

Esse olhar é diferente do nosso, visto que está mediado pelas relações de pertencimento em que significante e significado se cruzam na tônica da territorialidade da pesca. Ao tratar dessa hermenêutica fenomenológica, Ernest Cassirer (2001) propõe

que a análise do sagrado alcance as multiformas por meio da função simbólica através das cosmogonias e cosmologias e da constituição das cosmolocalidades (SILVA et al., 2017).

Ao que parece, a nossa forma, enquanto pesquisadores, ainda aciona dispositivos do cartesianismo positivista e provoca rupturas que coisificam as realidades, correndo o risco de torná-las exóticas. Dardel (2011), Silva et al. (2017) e Gondim e Machado (2017) apontam desafios metodológicos nas entradas e saídas no trabalho de campo e nos alertam sobre as reduções em que podemos incorrer, a exemplo da “coisificação da imagem, como uma metafísica ingênua da imagem” (GONDIM; MACHADO, 2017, p. 218).

Todas as informações deste artigo são feixes do complexo sistema de significados e significantes que compõem os saberes e fazeres da Colônia Z-29 adquiridos por meio de participação observante, que se deu em momentos de festa e no cotidiano comum, rodas de conversas, como participações nas reuniões do grupo dos jovens, caminhadas transversais entre terra e água com os pescadores e diálogos semiestruturados com mulheres e homens fazedores dessa festança, que correspondem a lideranças da territorialidade da pesca em Jaramataia (SOUZA, 2013; DOURADO, 2014; ROCHA et al., 2017).

Em todo o tempo, utilizamos a geoetnografia orientando o trabalho de campo e as caminhadas transversais, as descrições registradas no diário de campo, a escolha dos ângulos fotográficos e a previsão dos roteiros semiestruturados de diálogos. Para Rocha et al., a geoetnografia “[...] é a interação entre a geografia e a antropologia tendo como objetivo coletar dados qualitativos através da pesquisa de campo, principalmente, e das observações empíricas, pois assim o pesquisador está em contato direto com seu objeto de estudo” (2017, p. 286).

A fim de compreender a festa como categoria de análise geográfica, acionamos os conceitos de território e territorialidade de Rozendahl (2005), Haesbaert (2007) e Bonnemaïson (2012), e, no que se refere à festa, analisamos as contribuições de Claval (2004), Maia (2004), Castro (2012), Silva et al. (2017) e Gondim e Machado (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[...] A festa é uma coisa muito boa, é tradição mesmo! [...]
(ENTREVISTADO 05, pescador, 40 anos).

Muitas comunidades pesqueiras realizam a sua tradicional festa em louvor a São Pedro, santo que, na tradição católica, possuía muita habilidade com a pesca quando foi convidado por Jesus Cristo para “pescar homens”, a partir do anúncio do evangelho. A história de Pedro é, assim, um reflexo de vivências reais, de sujeitos que existem por ter uma vida ligada ao remo, ao barco, às águas, isto é, a cosmologias e cosmogonias que criam subjetividades importantes e que forjam sujeitos, territorialidades e identidades.

Um exemplo a ser melhor explorado é o da supracitada festa, que, dialeticamente, articula aspectos do sagrado e do profano, reunindo centenas de fiéis, os protagonistas da trama festiva, e os espectadores, como explica Duvignaud (1983). Além disso,

As festas populares se constituem em uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que constantemente passa por processos de recriações e atualizações [...] (CASTRO, 2012, p. 42).

As festas são constituídas de elementos geográficos peculiares, vistos a partir de olhares minuciosos da paisagem dos territórios, onde elas acontecem enquanto fenômeno sociocultural. Não olhar para as festas como poderosas práticas de expressão das culturas populares é, sem dúvida, deixar de conhecer parte da realidade histórica e cultural dos povos e suas tradições. Assim, antes “*da gente se arrumar para ir à festa*”, é preciso compreender que essa categoria tem recebido atenção na produção geográfica brasileira, uma vez que “[...] a geografia está em toda parte” (COSGROVE, 2012, p. 220).

Em 2017, ocorreu, entre 27 e 29 de junho, a culminância do programa de extensão “Lançando as Redes, Jogando as tarrafas”, que objetivava capacitar a comunidade para qualificar a cadeia produtiva. O cruzamento das ações do IFAL com o desdobramento da festa abriu a possibilidade de encontrar, naqueles dias de grande efervescência, mais um objeto de estudo. O contexto envolvia a reforma da igreja e das canoas, a decoração de ruas, a organização de equipes para campeonato de futebol entre homens e mulheres, a ansiedade para as corridas nas modalidades: mulheres, homens e jegue. Não era a mesma comunidade em que entrávamos semanalmente desde 2016 para trabalhar conhecimentos técnicos sobre conservação, armazenamento e processamento dos peixes e camarões.

O entusiasmo dos homens no trabalho pesado dos reparos do templo e a organização dos objetos litúrgicos da igreja pelas mulheres eram o prenúncio de que um

novo ritmo estava aos poucos se expandindo no território, ou seja, o que víamos promovia

[...] a mobilização de toda a comunidade na preparação das festividades, as quais constituem o momento mais importante da comunidade, o seu ápice, sobretudo nas comunidades rurais, onde as festas em homenagem aos santos padroeiros são esperadas, preparadas e vivenciadas com muito fervor (PEDROSO; ROSA, 2016, p. 410).

Ao nos aproximar das festas, compreendemos os sentidos da celebração popular e suas marcas/símbolos, histórias de vida e tradições, que possuem grande significado para os grupos sociais e propõem a geração de novos imaginários geográficos. Claval, refletindo sobre algumas abordagens culturais na Geografia Humana, destaca que

Os geógrafos sempre tinham tido uma grande dificuldade para tratar dos fatos religiosos: eles desprezaram as igrejas, os templos, as mesquitas, as grandes cerimônias, as romarias; eles falaram do calendário religioso, das festas, da quaresma, mas ignoravam a fé, as crenças. A sua perspectiva era somente exterior. A abordagem cultural baseada sobre as representações assinalava a existência duma categoria especial do espaço: o sagrado (2008, p. 20-21).

Recepcionadas no espaço, as atividades ligadas às festas são transpassadas pelo processo territorializador; os mesmos corpos que forjaram o território, e se reproduziram enquanto produto de saberes, sobrepõem uma multiterritorialidade (HAESBAERT, 2007) vinculada ao cotidiano da pesca; e, somado a isso, há ritos, ideias e tradições que atraem fiéis para a procissão de terra e água na Colônia Z-29. Esse espaço é

[...] o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades (ROSENDAHL, 2005, p. 12933).

A territorialidade da festa se estabelece por meio da hierofania verificada nas cosmocalidades de manifestação do sagrado como, por exemplo, a igreja, que centraliza todos os ritos litúrgicos de tradição católica romana, e o açude, onde crenças mais sincréticas se fundem em espaços de maior tolerância, permitindo que entidades como a

mãe d'água e a *Caboquinha*¹ coexistam com as santidades pesqueiras que são adornadas de bandeirolas, como São Pedro – destaque na escala global – e Nossa Senhora Aparecida – por sua representatividade em escala nacional para os ribeirinhos no Brasil.

Além desses dois locais, observamos outros pontos místicos que são marcos territoriais de subjetiva importância para os pescadores, dentre eles as entradas do povoado, a sede da Colônia Z-29, o paredão e o sangrador, que correspondem a pontos do trajeto da procissão por terra e água explicada por Gomes et al. (2019). Nesses termos, São Pedro não é apenas o santo pescador, ele é a dádiva das águas que significam fartura, prosperidade e sobrevivência. O açude, os santos e as entidades “[...] reelaboram cosmogonias que constituem ritos ainda vividos em terras brasileiras por meio das histórias que revelam (fertilidade, prosperidade, riqueza, trabalho da pesca e da caça) [...]” (SILVA et al., 2017, p. 532).

A identificação com a história do santo pescador fez dele o padroeiro da comunidade, criando fortes laços entre a divindade e os pescadores, que reúnem esforços para a realização da festa. Quando arguidos sobre o motivo pelo qual frequentam a festa de São Pedro, os pescadores responderam:

[...] Nós tudo aqui somos devoto de São Pedro porque ele é o santo dos pescador, e aqui tem o açude dos pescador, meu marido foi pescador, meus filho também, eles sempre foram pescador, desde pequeno [...]
(ENTREVISTADA 01, pescadora, 74 anos).

Porque é o padroeiro do povoado [...], por motivo religioso [...], pela fé que temos a São Pedro [...] São Pedro é um Santo muito forte (ENTREVISTADA 07, pescadora, 34 anos).

Assim, demonstra-se que a festa de São Pedro representa muito para os moradores da comunidade por ser um momento de singularidades marcadas por tradição, fé/devolução, identificação e agradecimento. Para Santos e Kinn (2009, p. 60): “[...] as festas surgem como acontecimento marcado pelo encontro, criação e fortalecimento de uma teia de relações sociais, tendo nos santos padroeiros seus principais mediadores”.

¹ “Descrita como um espírito invisível, nota-se sua presença pelo comportamento dos outros animais. Em terra, o agitar-se dos cachorros que acompanham os caçadores e seu incontrolável choro e nas águas com o espalhamento dos peixes, indicam proximidade dessa entidade. Aos humanos a percepção de sua presença é capturada sensorialmente pela audição, quando se escuta um assobio fino e contínuo, a Caboquinha avisa para o pescador ou ao caçador que o domínio e a permissão do território e dos recursos da natureza são dela” (SOARES et al., 2018, p. 1.076).

ARRASTADOS POR SÃO PEDRO NOS ENCONTROS E (RE)ENCONTROS

[...] As pessoas vêm de fora, quem já morava aqui e saiu pra trabalhar volta no período da festa [...] (ENTREVISTADO 05, pescador, 40 anos).

A capacidade que tem a festa de unir pessoas é enorme. Amigos e familiares deixam seus lares para se renderem aos encantos das atividades festivas da comunidade São Pedro. As distâncias entre grupos e pessoas são deixadas de lado. A produção da festa insiste em aproximar. De acordo com os Entrevistados 03, 06 e 07, a festa é um momento de união tanto dos integrantes da comunidade quanto de parentes e amigos que residem em outros povoados, cidades e regiões. Para os informantes, a festa é:

A união, é uma forma da gente se unir mais ainda, no período da festa a gente consegue se comunicar com mais facilidade, recebe gente de fora, a gente consegue se apresentar e receber as pessoas bem, pro pessoal sair daqui achando bonito. A festa é um elo, não é? (risos) É, a festa é um elo! É uma forma da gente se unir também, n/é? Conhecer as pessoas lá de fora, trocar um papo, eles contam as dificuldades também, como eles faz as festa deles... conhecer eles, já passar uma ideia pra eles também (ENTREVISTADO 03, pescador, 54 anos).

Fica o pessoal mais movimentado no tempo de festa, mais movimentado, n/é? Agora quando não é tempo de festa é mais parado. A pessoa em tempo de festa é mais animado, n/é? [...] Vem um pessoal de fora, tá vindo um pessoal meu de São José da Tapera... chegou uns da Bahia, de Paulo Afonso, aí tem gente de fora, vem uns de Maceió também, um irmão meu de Maceió, uma colega minha que tá senhora de idade... Casa cheia, só presta casa cheia, n/é? [...] (ENTREVISTADO 06, pescador, 65 anos).

De acordo com Silva e Dourado (2017, p. 194), “[...] as festas religiosas surgem no seio da vida cotidiana como momento de celebração, que rompe com as lógicas estabelecidas nas relações cristalizadas das atividades diárias”. Portanto, concordando com os autores, as festas criam articulações dentro das comunidades em que acontecem por representarem um importante fenômeno social e cultural que representa a cultura de um grupo. Desse modo, a festa possibilita a criação de novas lógicas sociais, descentralizando as atividades de trabalho e dando lugar a novos ritmos na comunidade, e o da efervescência contagia o território do Povoado São Pedro, convidando todos e todas para celebrar.

Vem muita gente de fora, fica mais animada com gente de fora. A arrumação é grande do povo viu? Vá pra missa amanhã que você vê a arrumação! Tem deles que não vão nem pra novena, ficam em casa se aprumando pra ir pra banda. As ruas são enfeitadas, as bandeirinhas, até as canoas são enfeitadas, pintadas as canoas, pintada a igreja, a igreja cheia de luz... A igreja tá bonita!

Vem barraca, o povo daqui mesmo coloca barraca, já tem bem umas duas ou três preparadas pra noite. Ganha dinheiro porque já bota pra comer, quem vem de fora já compra, e é mais coisa de comida. A festa é animada, o povo é tudo esperando esse fim (ENTREVISTADA 01, pescadora, 74 anos).

A produção da festa não é algo simples. Ela depende de uma grande estrutura organizacional. Assim, independentemente das funções que os sujeitos exercem na comunidade, a organização da festa é algo sagrado, pois traz novos sentidos e significados para o caminhar enquanto comunidade. Portanto, sem a estrutura pessoal e material, não é possível fazer a festa. Nesse contexto, destacam-se os grupos da igreja e alguns fiéis como articuladores da festa.

A festa propõe a transgressão da ordem dos dias comuns, trazendo consigo cores, sons, pessoas e novas regras. A reciprocidade comunitária ganha a cena, pois o fazer a festa é algo coletivo, que impõe responsabilidades, organização e divisão de tarefas, tudo na festa requer articulações. A festa depende do empenho de todos.

Assim, o ato de festejar emana do mais íntimo das culturas, é o momento de celebrar a vida em comunidade e valorar as práticas tradicionais. Segundo Dourado e Vargas (2018, p. 96), como representante do movimento comunitário, a festa “[...] é também reveladora da dimensão cultural de uma sociedade. Cada sociedade, em seu tempo e ao seu modo, festeja a vida, a morte, as colheitas, as conquistas, enfim, as dimensões da vida cotidiana”.

São Pedro, enquanto santo pescador, provoca nos moradores da comunidade em estudo um sentimento especial, o de identificação. Os colonos veem nele as suas imagens, convergem suas histórias com as narrativas litúrgicas. Nesse jogo de identificação, criam uma narrativa de vida na esperança de dias melhores para a vivência em comunidade, lastreados na fé e na reciprocidade do viver entre fé-terra-água-identificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa em louvor a São Pedro se configura enquanto espaço político e de reiterações de identidades territoriais. A celebração se projeta em outras nuances, sobretudo no campo das resistências em um território negado, onde o acesso à água tem seus limites em detrimento do não acesso à terra. Nesse viés, celebram-se as cosmologias locais observadas nos saberes e fazeres, nas contações das histórias da comunidade, como também nas narrativas particulares de cada pescador e pescadora.

A festa arrasta outros fiéis, fisga os pescadores que migraram, e, no território, esses sujeitos acionam lembranças potentes que reanimam a atmosfera identitária do povoado. No bate-papo que corta a noite, no festejar por entre as barracas, nos canteiros das casas, na pracinha imaginária em frente à igreja, todos projetam sonhos de dias melhores nas águas, da fartura de peixes grandes, da volta à certeza de que Jaramataia é a terra do peixe.

REFERÊNCIAS

1. BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma ontologia (I)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 279-303.
2. CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
3. CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
4. CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012.
5. CLAVAL, Paul. A Festa e a Cidade. **Cidades: Revista Científica**, Grupo de Estudos Urbanos, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 27-42, 2004. ISSN: 1679-3625.
6. _____. Uma, ou algumas, abordagens culturais na Geografia humana?. In: SERPA, Angelo. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.
7. _____. A Festa Religiosa. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 8, n. 1, p. 06-29, abr. 2014.
8. COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma ontologia (I)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 219-237.
9. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandos e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
10. DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. 159p.
11. DOURADO, Auceia Matos. **Viver e pertencer: identidades e territórios nos assentamentos rurais de Sergipe**. 292 f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia/NPGEO, Universidade Federal de Sergipe/UFS, São Cristóvão/SE, 2014.
12. _____. VARGAS, Maria Augusta Mundim. Permanências e singularidades da festa de São José do município de Pedrinhas/Sergipe. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 12, n. 3, dez/2018, p. 195-211. Disponível em:

- <<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/51309>>. Acesso em: 18 maio 2019.
13. DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: UFCE/ Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
 14. GOMES, Hillary Ranny Farias; OLIVEIRA, Matteus Freitas; SILVA, Felipe Santos. A tríade fé, terra e água dos acampados do açude de Jaramataia-AL: desvendando a mística festa de São Pedro no território pesqueiro. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, p. 91-106, abr. 2019.
 15. GONDIM, Lucas Bezerra; MACHADO, Ivana Carolinne Bezerra. Imagem e Festa: Aproximações para uma geografia das representações. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de (Org.). **Os Outros, Nós Somos NEER (2006-2016)**. 1. ed. Fortaleza: CIA DO EBOOK, 2017. v. 1, p. 215-230.
 16. HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, ano 9, n. 17, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/213>>. Acesso em: 30 ago. 2019.
 17. LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João Barros. São Paulo: Ática, 1991.
 18. MAIA, Carlos Eduardo Santos. Cidade e Festa: Os excessos nas paradas LGTBs – Reflexões a partir da realidade goianiense. **CIDADES: Revista Científica / Grupo de Estudos Urbanos**, São Paulo, v. 8, n. 13, p. 233-261, 2004.
 19. OLIVEIRA, Matteus Freitas de; NETTO, João Lúcio de Moraes Gomes; VIEIRA, Carlos Eduardo dos Santos. O Saber-Fazer e Ser pescador artesanal: A produção territorial da Colônia São Pedro de Jaramataia – Alagoas. In: **Anais do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária**, Curitiba/PA/Brasil 1 a 5 de Novembro de 2017.
 20. PEDROSO, Ana Caroline de Oliveira; ROSA, Wedmo Teixeira. A territorialidade da Paróquia da Glória no município de Glória do Goitá-PE. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de (Org.). **Os Outros, Nós Somos NEER (2006-2016)**. 1. ed. Fortaleza: CIA DO EBOOK, 2017. v. 1, p.401 – 416.
 21. ROCHA, Patrícia Quirino; SOUZA, Angela Fagna Gomes de; SANTOS, José Rodolfo da Silva; SILVA, Felipe Santos; SOARES, Maria De Almeida; SILVA, Ívia Rejane Ferreira. Uma análise da comunidade tradicional Alto dos Coelho pelo método geoetnográfico. **Diversitas Journal**, v. 2, p. 284-292, 2017.
 22. ROZENDAHL, Zeny. Território e Territorialidade: Uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina (USP)**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/tNCHq8>>. Acesso em: 11 set. 2019.
 23. SANTOS, Rosselvelt José; KINN, Marli Graniel. Festas: Tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. **Espaço e Cultura (UERJ)**, v. 26, p. 85-71, 2009. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3555-13623-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2014.
 24. SILVA, Felipe Santos; DOURADO, Aucéia Matos. Territorialidades da festa: Um olhar a partir da 2ª caminhada em devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro,

- padroeira de Vila Bananeiras, Arapiraca – AL. In: XI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão/SE/Brasil 21 a 23 de Setembro de 2017. **Anais do XI Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**, Educon. Aracaju, v. 11, n. 01, p. 01-08. ISSN: 1982-3657.
25. SILVA, Mary Anne Vieira; D’ABADIA, Maria Idelma Vieira; LÔBO, Aline Santana; VICENTE, Bruna Gabriela Corrêa; SANTOS, Marcos Antônio F. Cosmologias religiosas e suas representações espaciais: As cosmolocalidades sagradas por meio das narrativas orais e literárias. In: OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de (Org.). **Os Outros, Nós Somos NEER (2006-2016)**. 1. ed. Fortaleza: CIA DO EBOOK, 2017. v. 1, p. 529-544.
26. SOARES, I. P.; OLIVEIRA, M. F.; NETTO, J. L. M. G.; FARIAS, J. L. N.; VIEIRA, C. E. S. Etnomapeamento participativo na Colônia Z-29 do Povoado de São Pedro, Jaramataia: Dando sentidos aos usos da água do açude. In: VIII Encontro Científico Cultural - ENCCULT 2018, 2018, Santana do Ipanema - Alagoas. **Anais do VIII Encontro Científico Cultural**, ENCCULT, Santana do Ipanema - Alagoas: UNEAL, 2018. v. 1. p. 1065-1081.
27. SOUSA, Patrício Pereira Alves de. **Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG**. 296 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia/Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais/UFGM, Belo Horizonte/MG, 2011.
28. SOUZA, Angela Fagna Gomes de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, Glaucio José; RAMIRES, Julio Cesar de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. v. 2, p. 55-68. ISBN: 978-85-7511-301-1.